

As dobraduras do discurso*

Fernanda Correa Silveira Galli**

Resumo: Proponho, neste texto, uma reflexão sobre as dobraduras do discurso em materialidades discursivas produzidas no espaço digital da internet. No percurso, analiso duas sequências discursivas do blog “Outros Cadernos de Saramago”.

Palavras-chave: discurso; dobraduras; arquivo; memória, internet.

A memória é também uma estátua de argila.
O vento passa e leva-lhe, pouco a pouco,
partículas, grãos, cristais...
A estátua vai manter-se de pé, não é a mesma,
mas não é outra, como o ser vivo é,
em cada momento, outro e mesmo
(José Saramago, *Cadernos de Lanzarote*, 1997, p. 32).

... aqui os arquivos vão se atualizando automaticamente
a cada gesto e movimento que fazemos,
a cada passo que damos...
se sim, se não, se talvez,
basta abrir o gavetão do ficheiro alfabético,
procurar o correspondente verbete, e lá tudo está***
(José Saramago, *As intermitências da morte*, 2005, p. 139).

Início com essas duas epígrafes porque elas me parecem pertinentes para tratar o im-previsível da língua, a in-completude do arquivo, a fluidez da web. Elas apontam, sobretudo, para o fato de que, sob a ótica da análise do discurso, cada releitura produz a emergência de sentidos outros, sentidos que não ficam em seu lugar, sentidos que transmutam em espaços privilegiados “de inscrição de traços linguageiros discursivos, que formam uma memória histórica”, tal como propõe Pêcheux (2011, p. 146). Esse “corpo de traços” aponta, ainda, para o fato de que “[...] o campo dos sentidos é atravessado por um fechamento que só torna mais visível sua impossibilidade, isto é, a cada tentativa de totalização, fica mais e mais marcado o próprio limite dessa mesma tentativa, pois esse gesto de ‘fazer corpo’, de tentar totalizar”, como coloca Baldini (2010, p. 64), escancara “o real da língua, o real da

* A primeira versão desse texto foi apresentada no V SEAD – Seminário de Estudos em Análise do Discurso, em Porto Alegre, de 20 a 23 de setembro de 2011.

** Pesquisadora do E-L@DIS – Laboratório Discursivo: sujeito, rede eletrônica e sentidos em movimento, da FFCLRP/USP. Bolsista FAPESP de pós-doutorado. E-mail: fscgalli@hotmail.com

*** Agradeço a Lucília Romão, com quem a interlocução tem sido acima de tudo afetiva, por (re)apresentar-me esse recorte da epígrafe.

história e o real do inconsciente”, evidenciando que o sentido sempre pode ser falho, sempre pode ser outro, é da ordem do im-possível.

Essas considerações estão em consonância com os propósitos da pesquisa que venho desenvolvendo acerca das dobraduras do discurso em materialidades discursivas re-produzidas no espaço digital da internet. Tenho pensado a expressão dobraduras como o movimento do “não-um” dos sentidos e também do sujeito que, pelo efeito de determinada posição discursiva, é constituído por e produz dobraduras, fazendo emergir sentidos outros. Essa emergência de sentidos outros torna visíveis os efeitos gerados pela presença do interdiscurso no intradiscurso, apontando para os deslocamentos, as rupturas e as transformações discursivas, de modo que no “um” podem (ou não) estar presentes outros sentidos – que tenho chamado de “não-um”. É desse modo que vejo a escrita do/no blog “Outros Cadernos de Saramago”, espaço onde o corpo (que nos é dado como não-presente) se inscreve no corpo do discurso, produzindo dobraduras, deslizamentos em sua materialidade significante.

Para refletir sobre esse efeito de “dobradura”, parto de Deleuze (2005 [1986]) que, ao tratar das “dobras” numa perspectiva filosófica, traz considerações importantes e enriquecedoras para a discussão a que me proponho. Para o autor, a dobra que se configura na interioridade é, também, uma interiorização do lado de fora que, no movimento de torção e/ou de rasgão, “não é uma reprodução do mesmo, é uma repetição do diferente”... é “a feita de forro na costura: torcer, dobrar, cerzir...” (Ibid., p. 105). Essas colocações de Deleuze me levam a considerar as “dobraduras” como um processo ininterrupto – singular e plural ao mesmo tempo – de constituição dos sentidos e do sujeito. Há, de meu ponto de vista, uma estreita relação entre o que estou chamando de “dobraduras” e a noção de “memória discursiva”, condição do dizível e de todos os movimentos do sujeito na língua, conforme coloca Pêcheux:

[...] longe de ser efeito integrador da discursividade [a memória] torna-se desde então seu princípio de funcionamento: é *porque* os elementos da sequência textual, funcionando em uma formação discursiva dada, podem ser importados (meta-forizados) de uma sequência pertencente a *uma outra* formação discursiva que as referências discursivas podem se construir e se deslocar historicamente (PÊCHEUX, 2011, p. 158).

As dobras da língua, então, acolhem o sujeito em sua incompletude e opacidade do mesmo modo que as dobra-duras do discurso possibilitam deslocamentos, furos e movências do sujeito capturado ideologicamente e dos sentidos que ele produz em dada posição. Mobilizar essa noção de dobradura me parece essencial numa pesquisa sobre a escrita na rede eletrônica, já que se trata de um espaço discursivo no qual o sujeito inscreve-se nas bordas, dobras e fronteiras de vários arquivos discursivos, entendidos como “campo de documentos pertinentes a uma determinada questão”, tal como propôs Pêcheux (1982 [1997], p. 57). Os arquivos eletrônicos, pela fluidez que os constitui, constituem-se marcados pelos efeitos de permanência e instabilidade, inscrevem outra relação (de desestabilização) com o tempo e o espaço, funcionam discursivamente como lugares provisórios e de ancoragem para o sujeito. Nessa tensão, dão-se os movimentos do sujeito e o jogo dos sentidos já-dados e cristalizados, bem como o vir-a-ser de novos sentidos.

Esses des-dobramentos apontam para a diferença que emerge na repetição. A partir de uma entrada do blog “Outros Cadernos de Saramago”, que traz a seguinte sequência discursiva: *Toda a literatura é um palimpsesto*¹, continuo as reflexões. O efeito metafórico impede a emergência de uma literalidade projetada, e assim a memória do dizer, inscrita nas atuais condições de produção (a das tecnologias de comunicação e informação) e em outro espaço de enunciação (o do blog), possibilita a deriva dos sentidos: a partir do título da entrada *Um palimpsesto* (do grego palípsēstos: “riscar de novo”) e de sua retomada na sequência discursiva, o efeito de sentido do antigo suporte de escrita, usado mais de uma vez após o processo de raspagem da superfície, se descola e desliza para (um) outro – a rede. Mais que um espaço que pode funcionar como rascunho e permitir rasuras, emendas, intervenções, a rede eletrônica tem certa aproximação com o palimpsesto, dadas as possibilidades de escrever, apagar, reescrever, reapagar e tornar a escrever de novo.

Nessa perspectiva, me parece pertinente dizer que essa escrita (ou, a escrita do blog) se con-figura ao modo de um palimpsesto, com a diferença de que na teia do ciberespaço o apagamento completo do escrito nem sempre é necessário para (se) discursivizar outros ditos, de outros modos, já que ela se anuncia como um lugar que tudo pode guardar e onde tudo se pode encontrar, instaurando um imaginário de acessibilidade infinita. Entretanto, sabemos, “o que aparece nela [na rede] como único elemento constitutivo é o nó. Pouco importam suas dimensões. Pode-se aumentá-la ou diminuí-la sem que perca suas características de rede, pois ela não é definida por sua forma [infinita], por seus limites extremos, mas por suas conexões, por seus pontos de convergência e bifurcação” (KASTRUP, 2003, p. 80).

Resta na rede eletrônica, de meu ponto de vista, um pouco do palimpsesto, mas com formas e marcas outras: as inscrições na superfície da tela funcionam discursiva e conjuntamente com o que ficou dobrado (ou en-coberto) na rede de traços da memória, conforme pontua Orlandi (2011, p. 18). E esse imbricamento é possível a partir das dobra-duras, que promovem o retorno do já-dito por meio de “nós”, e dão forma aos arquivos que compõem a rede (discursiva e eletrônica): *pouco a pouco, partículas, grãos, cristais... em cada momento, outro e mesmo...* palavras da epígrafe que me levam a pensar na trans-formação do arquivo, no movimento dentro-fora/fora-dentro da rede, e na não-transparência dos dizeres. A metáfora da rede encontrada em Leandro Ferreira é bastante pertinente para refletir sobre esse movimento:

Uma rede, e pensemos numa rede mais simples, como a de pesca, é composta de fios, de nós e de furos. Os fios que se encontram e se sustentam nos nós são tão relevantes para o processo de fazer sentido, como os furos, por onde a falta, a falha se deixam escoar. Se não houvesse furos, estaríamos confrontados com a completude do dizer, não havendo espaço para novos e outros sentidos se formarem. A rede, como um sistema, é um todo organizado, mas não fechado, porque tem os furos, e não estável, porque os sentidos podem passar e chegar por essas brechas a cada momento. Diríamos, então, que um discurso seria uma rede e como tal representaria o todo; só que esse todo comporta em si o não-todo, esse sistema abre lugar para o não-sistêmico, o não-representável. (LEANDRO FERREIRA, 2003, p. 44).

¹ Fonte: *La Época*, Santiago de Chile, 15 de Outubro de 1995. In: **José Saramago nas suas palavras**. Disponível em: <<http://caderno.josesaramago.org/2011/06/28/um-palimpsesto/>>. Acesso em: 12.set.2011.

Essas colocações dão brechas, ainda, para reflexões sobre uma outra rede: a malha de pequenos arquivos que constitui o (grande) Arquivo eletrônico, tal como tem discutido Romão (2011), e sobre o modo como o arquivo digital da internet “cresce, deixa restos, aponta faltas, não suporta a completude, não se fecha nunca” (GALLI, 2011, p. 12). Desse modo, a escrita do blog, objeto de minha discussão, se con-figura nesse sistema de trans-formação do (grande) Arquivo discursivo digital, de maneira que a “autoria só pode ser pensada afetada pela heterogeneidade do espaço com infinitas vozes, do tempo com infinitos ecos, da rede com infinitos pontos e do hipertexto com infinitos textos [...]”, como coloca Romão (2006, [s.p.]), o que “desconstrói a direção das letras, das páginas e dos discursos, neblinando sentidos e sujeitos e promovendo a inscrição de novos gestos de autoria”.

Nesse enredamento, trago outra sequência discursiva publicada no blog “Outros Cadernos de Saramago”: *Para mim, o que há não são gêneros mas sim espaços literários que, como tal, admitem tudo: o ensaio, a filosofia, a ciência e a poesia*². Destaco nessa sequência o significante *tudo*, que produz o efeito de indefinição do que se pode, e se quer ilusoriamente, encontrar na rede (discursiva e eletrônica). Tanto uma quanto a outra, me parece que “dá tudo, mas sutilmente” e “ao mesmo tempo tudo esconde” (BAUDRILLARD, 1999, p. 149), já que os sentidos sempre deslizam e a incompletude faz entrar em cena “a noção da falta, que é motor do sujeito e é lugar do impossível da língua, lugar onde as palavras ‘faltam’ e, ao faltarem, abrem brecha para produzir equívocos” (LEANDRO FERREIRA, 2003, p. 43).

Referências

- BALDINI, L. J. S. Um pouco de possível senão eu sufoco.... In: ROMÃO, L. M. S.; PACÍFICO, S. M. R. **Efeitos de leitura, sujeitos e sentidos em movimento**. Ribeirão Preto: Alfabeta, 2010, p. 57-65.
- BAUDRILLARD, J. **Tela total**. Traduzido por Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 1999.
- DELEUZE, G. **Foucault**. Traduzido por Cláudia S. Martins. São Paulo: Brasiliense, 2005 [1986].
- GALLI, F. C. G. Deslizamentos de sentidos em e na rede. In: AZEVEDO, N. P. da S. G.; FONTE, R. F. L. (orgs.). **Análise do discurso: mo(vi)mento de interpretações**. Curitiba: CRV, 2011, p. 11-19.
- KASTRUP, V. A rede: uma figura empírica da ontologia do presente. In: PARENTE, A. (org.). **Tramas na rede**. Porto Alegre: Sulina, 2003, p. 80-90.
- LEANDRO FERREIRA, M. C. O quadro atual da Análise de Discurso no Brasil. **Revista Letras**; Espaço de Circulação de Linguagem. Universidade Federal de Santa Maria, n. 27, 2003, p. 39-46.
- ORLANDI, E. P. Ler Michel Pêcheux hoje. In: ORLANDI, E. P. (org.). **Análise de discurso: Michel Pêcheux**. Campinas, SP: Pontes, 2011. p. 11-20.

² Fonte: Agência EFE, Madrid, 13 de junho de 2007. In: **José Saramago nas suas palavras**. Disponível em: <<http://caderno.josesaramago.org/2011/07/14/espacos-literarios/>>. Acesso em 12.set.2011.

- PÊCHEUX, M. Leitura e memória: projeto de pesquisa. Traduzido por Tânia C. Clemente de Souza. In: ORLANDI, E. (org.). **Análise de discurso**: Michel Pêcheux. Campinas, SP: Pontes, 2011. p. 141-150.
- _____. Metáfora e interdiscurso. Traduzido por Eni P. Orlandi. In: ORLANDI, E. (Org.). **Análise de discurso**: Michel Pêcheux. Campinas, SP: Pontes, 2011. p. 151-161.
- _____. Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, E. P. (org.) **Gestos de leitura**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997 [1982].
- ROMÃO, L. M. S. Fios de grito na rede: navega-dores (d)enunciam o extermínio. In: **Discurso e arquivo**. Rio de Janeiro, 2011. (no prelo).
- _____. O cavalete, a tela e a memória: considerações sobre a autoria na rede. **DELTA** - Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada, São Paulo, v. 22, p. 303-328, 2006.
- SARAMAGO, J. **As intermitências da morte**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- _____. **Cadernos de Saramago**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.